

## **Vozes da FEBEM: estratégias discursivas utilizadas por ex-internas da FEBEM de Ouro Preto-MG, na representação de suas memórias e identidades**

### **Voices of FEBEM: discursive strategies used by former FEBEM interns in Ouro Preto-MG, to represent their memories and identities**

Luciana de Fátima Ferreira<sup>1</sup>

#### **Resumo**

*Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo inicial, consistia em colher e analisar narrativas de ex-internas da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), da cidade de Ouro Preto, a fim de identificar quais estratégias linguístico-discursivas seriam utilizadas na construção de suas identidades e de suas memórias; a premissa era a de que existiria um estigma lançado a essas mulheres e de que, cientes desse estigma, esses sujeitos utilizariam estratégias para neutralizá-lo. Para basear a análise, nos foram relevantes nomes da área de Análise do Discurso, do estudo das narrativas e da sociologia, tais como Charadeau (2017), Luiz Gonzaga Motta (2013), Goffman (2001) and Becker (2008, [1963]). A estrutura narrativa e as estratégias utilizadas, revelaram que as depoentes sustentam, ambas, o mesmo discurso em relação à instituição e ao papel desta em suas vidas, constatação que contrariou a nossa premissa ao iniciarmos a pesquisa.*

**Palavras-chave:** *Análise do Discurso. Narrativas de vida. FEBEM. Memória. Identidade*

#### **Abstract**

*This work presented here is the result of a master's research whose the initial objective was to collect and analyze narratives of former FEBEM interns in the city of Ouro Preto in order to identify which linguistic-discursive strategies would be used in the construction of their identities and memories; the premise was that there was a stigma thrown at these women and, aware of this stigma, these women would use strategies to neutralize it. To base the analysis, we used relevant names in the areas of Discourse Analysis, study of narratives and sociology, such as Charadeau (2017), Luiz Gonzaga Motta (2013), Goffman (2001) and Becker (2008 [1963]). The narrative structure and the strategies used revealed that the interviewees both support the same discourse in relation to the institution and its role in their lives, a finding that contradicted our premise when we started this research.*

**Keywords:** *Discourse Analysis. Life Narratives. FEBEM. Ouro Preto. Identity*

**Recebido em:** 14/05/2020

**Aceito em:** 11/11/2020

---

<sup>1</sup> Graduada e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1303-3106>.

A Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM) se instalou na cidade de Ouro Preto-MG na década de 1970 e lá permaneceu até meados dos anos de 1990; apesar dos relatos reunidos nos testemunhos de quatro ex-internas<sup>2</sup>, e de narrativas encontradas em um livro do ex-diretor Antônio Carlos Gomes da Costa, que informavam que lá viveram, ao mesmo tempo, aproximadamente 200 meninas, a memória dessa instituição parecia estar eclipsada na cidade. Essa foi a primeira questão que nos levou a realizar o trabalho de pesquisa no Mestrado da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ou seja, queríamos compreender como a FEBEM estaria sendo representada nas memórias coletivas e como ela estaria presente na narratividade ouropretana, já que, aparentemente, tais memórias pareciam não estar presentes nos discursos da cidade.

Outra questão relevante para nós, enquanto pesquisadores, era a possibilidade de poder dar, a essas mulheres, a voz que lhes fora negada e, através de suas narrativas, compreender como seriam tratadas as questões relativas ao estigma que possivelmente seria atribuído a elas, pressuposto inicial de nossa pesquisa; especialmente, pretendíamos analisar quais as estratégias linguístico-discursivas seriam utilizadas por elas na representação de suas identidades, procurando compreender um pouco sobre como a linguagem funcionaria dentro do contexto de um encontro misto.

Charaudeau (2017) nos diz que, no desempenho das ações cotidianas, o sujeito é percebido como portador de identidades distintas do ponto de vista social; recebe traços de identidade que lhes são atribuídos já ao nascer, quando é definido e registrado seu nome, marcando-o e identificando-o diante da família, da sociedade e do Estado.

Ao longo de sua vida, esse indivíduo ainda receberá algumas atribuições que o identificarão socialmente, sempre representando papéis específicos, oficializados por uma Carteira de Identidade, CPF, Certidão de Casamento, Carta de Habilitação, etc. Além dessas atribuições, há ainda aquelas de traços cotidianos, marcados pela adesão religiosa, a atividade escolar, o deslocamento, o papel familiar, dentre outras características que definem a identidade social de um indivíduo.

As ações desempenhadas pelos sujeitos do ponto de vista físico também são manifestadas através da linguagem, pois é através dela que o indivíduo se representa, se mostra, se “revela” para a sociedade, como postula Arendt (2008); é em sua fala cotidiana, ao assumir seus papéis sociais e, na maneira como essa fala incorpora ou é incorporada por esses papéis, que o indivíduo será conhecido, reconhecido e identificado ou seja, quando ele assume uma identidade discursiva, ele se apresenta através de diversas características da linguagem, assim como de tudo o que envolve a interação e os valores presentes em sua fala.

Como foi dito, a identidade se relaciona aos papéis sociais que os indivíduos assumem durante a sua trajetória e nossas depoentes possuem, em comum, o papel social de ex-internas da FEBEM de Ouro Preto-MG, a saber, aquele de “meninas da FEBEM”, como eram conhecidas e como ainda são lembradas por algumas das pessoas que com elas conviveram. Porém, o papel discursivo que elas assumirão durante a narrativa, se relacionará à situação específica de interação.

---

<sup>2</sup> A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética e aprovada, tendo todas as suas participantes assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O foco dessa análise estará nas estratégias discursivas que serão utilizadas quando as narradoras se colocarem como sujeitos do discurso, mas, também, no comportamento discursivo presente em suas representações da memória e dos perfis identitários que traçarão para os personagens inscritos em suas narrativas, sendo elas mesmas, alguns desses personagens.

A abordagem da questão identitária sob a ótica dos estudos culturais, especificamente sob os argumentos oferecidos nos escritos de Hall (2006), contribuíram à realização deste trabalho, oferecendo-nos uma outra perspectiva. Segundo este autor, a noção de identidade foi se modificando com o passar dos tempos e com a influência dos acontecimentos históricos (HALL, 2006).

Hall (2006) nos diz que existem três concepções de identidade, às quais podemos chamar de a do *sujeito do iluminismo*, a do *sujeito sociológico* e a do *sujeito pós-moderno*. A identidade do sujeito do iluminismo nasceria com ele, seria uma identidade centrada e imutável; o sujeito sociológico ainda possuiria esse “eu real”, mas a sua identidade também seria criada a partir das interações com a sociedade, quer dizer, o interior e o exterior se complementariam na formação dessa identidade. Já o sujeito pós-moderno surgiria como resultado de mudanças estruturais e institucionais, ou seja, o sujeito não possuiria uma identidade fixa, essencial ou permanente, sendo essa definida historicamente e não biologicamente.

De acordo com Hall (2006), essas mudanças histórico-sociais que levaram à globalização e reestruturaram as relações dos indivíduos com o tempo e o espaço, assim como a noção de descentralização trazida por avanços nos ramos das ciências e nas noções de direitos civis, permitiram e/ou propiciaram o surgimento de uma nova vivência identitária. Sendo assim, as identidades tornaram-se fluídas, fragmentadas e descentralizadas.

Pensando nessas características descritas e atribuídas à identidade do sujeito pós-moderno, as de fluidez, descentralização e fragmentação, poderíamos dizer que o sujeito, já que não possui mais a noção de uma identidade fixa e imutável, poderia moldar-se, tomando para si, traços identitários com os quais queira ou precise se identificar ou ser identificado, a fim de pertencer a determinados grupos que possam lhes ser mais favoráveis socialmente, materializando essas representações através de sua atividade discursiva e da construção de suas narrativas.

Podemos dizer, ainda, que a situação vivenciada por nossas depoentes, na qual elas assumem um papel social de mulher institucionalizada, internada em um espaço estigmatizado dentro de nossa sociedade (situação que as coloca como indivíduos também estigmatizados, já que o papel que elas ocupam estaria representado nas memórias coletivas negativamente), poderia ser um fator que as levasse a tentar “moldar” suas representações identitárias; ou seja, suas identidades poderiam tomar traços variados, de acordo com as possibilidades discursivas que poderiam assumir em favor de si mesmas. Dessa forma, poderíamos presumir que a existência de um imaginário sócio-discursivo, relacionado ao universo da FEBEM (no qual as internas eram estigmatizadas), possa ter sido fator importante à criação, ou à incorporação coletiva (deste grupo específico) de valores “desejáveis”, já que, como sujeitos estigmatizados e desviantes, essas teriam ciência dessa condição negativa, assim como, também, teriam ciência dos valores sustentados pela sociedade da qual faziam parte.

Seguindo essa lógica de pensamento, esses sujeitos não se veriam, como em outros tempos, ligados eternamente às condições sociais e aos papéis que lhes foram atribuídos, mas poderiam transpor características identitárias negativas através de narrativas e da incorporação de valores que lhes confeririam um *status* mais favorável socialmente, valores que faziam parte do imaginário sócio-discursivo daquele grupo e daquela sociedade.

Utilizamos, em nossa pesquisa, os conceitos de desvio e de estigma, cunhados por Becker (2008, [1963]) e Goffman (2001), respectivamente. Segundo Becker (2008, [1963]), desvio é um conceito presente na sociedade que rotula determinados indivíduos e ações que fujam a uma suposta normalidade estabelecida. Porém, essa normalidade não se relacionaria, necessariamente, a preceitos morais ou éticos, mas estaria ligada a condições pré-estabelecidas, *por* e *para* determinados grupos sociais (**grifos nossos**). O desvio surgiria na interação entre acusadores e acusados. Os valores que determinam o desvio são ambíguos, sendo que os indivíduos desviantes estariam, de alguma forma, cientes de sua condição de desvio, lançando mão, assim, de estratégias, no sentido de neutralizar tal condição em busca de aceitação social.

Goffman (2001) compara o universo das interações sociais ao que ocorre nas relações do universo teatral onde os atores sociais estariam sempre representando a si mesmos, criando identidades que manifestassem aquilo que os papéis sociais exigem, ou que lhes pareçam favoráveis em determinada situação social. Esses “atores” estariam sensíveis às expectativas de seus interlocutores e, dessa forma, tentariam quebrar ou confirmar tais expectativas, consciente ou inconscientemente. Goffman (2001) utiliza a expressão “*self*” para “si mesmo”. Essa expressão significaria o “sentido subjetivo de si que o indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais”.

Outro conceito criado por Goffman (2001) é o de “fachada” (face), que poderíamos dizer ser a tendência que os “atores” teriam de adequar suas “interpretações” para atingirem os valores considerados desejáveis socialmente, oferecendo, ao seu interlocutor, uma imagem favorável de seu *self*. Provavelmente inspirado por Becker (2008, [1963]) e seu conceito de desvio, Goffman (2001) cria o conceito de estigma, diferenciado pelo foco que o segundo dá ao encontro do estigmatizado com o não estigmatizado.

Segundo Goffman (2001), um evento como esse desestabilizaria o encontro face-a-face, sendo que o estigma seria um rótulo presente nas relações assimétricas de poder. Assim como Becker (2008, [1963]) ponderou, Goffman (2001) afirma que o estigmatizado teria consciência de seu estigma e que isso influenciaria na maneira como ele interagiria com os não estigmatizados. O encontro entre o estigmatizado e o não estigmatizado é chamado de encontro misto.

Com isso, podemos afirmar que o encontro de uma ex-interna da FEBEM e um entrevistador (supostamente possuidor de um conhecimento acadêmico científico e com autoridade sobre determinados assuntos) poderia ser chamado de encontro misto. Portanto, a pressuposição era a de que esses indivíduos, que construiriam suas narrativas de vida, interagindo face a face em um encontro misto e, supostamente conscientes de sua condição desviante e estigmatizada, lançassem mão de estratégias para protegerem o seu “*self*”, enquadrando suas memórias e construindo uma identidade que fosse favorável, que os afastasse do desvio social e neutralizasse o estigma que pudesse lhes ser atribuído.

Foram colhidas, como dissemos, as narrativas de quatro ex-internas da FEBEM de Ouro Preto-MG, que surpreendentemente se mostraram animadas em falar de suas

experiências. Os depoimentos foram filmados e tiveram duração aproximada de 30 a 90 minutos, sendo que, posteriormente, foi realizada a transcrição total das narrativas utilizando um método simplificado. Três de nossas depoentes nasceram entre 1960 e 1963, e a quarta nasceu em 1975, o que indica que fizeram parte da instituição em diferentes contextos. Porém, os depoimentos seguiram uma lógica parecida; duas delas nasceram em Belo Horizonte-MG, uma em Nova Era e a última em Juazeiro-BA.

A análise começou no processo de transcrição, pois foi quando pudemos observar mais atentamente as manifestações linguísticas e extralinguísticas, tais como o tom de voz, a velocidade da fala, os gestos, as expressões faciais, etc. Posteriormente, dividimos os depoimentos em subtemas, o que nos possibilitou observar como se deu a progressão da narrativa e as representações de eventos e personagens.

Constatamos que todas as narrativas seguiram um padrão semelhante e que mostravam uma trajetória em que cada uma delas encontrava-se inicialmente em uma situação desfavorável, situação que foi seguida por uma melhora progressiva após a passagem pela instituição. O próximo passo foi realizar um quadro de caracterização. Ou seja, separando as expressões qualificadoras que foram utilizadas pelas depoentes e atribuídas por elas e por outros à instituição, à sociedade ouropretana, aos familiares, às meninas da FEBEM e, com efeito, a elas mesmas.

Como dissemos, tínhamos a premissa de que haveria um estigma sobre essas ex-internas da FEBEM, pois a memória coletiva que possuímos sobre essa instituição (embora foram noticiados alguns casos de superação e sucesso de poucos ex-internos), é a de um local onde os jovens são aprisionados e maltratados e, de que esses, vieram de condições em que foram vítimas de algum tipo de violência e abandono ou que cometeram delitos de todos os tipos.

Havia, ainda, a suposição de que o estigmatizado ou desviante tivesse ciência de sua condição desfavorável, e de que, assim sendo, especialmente em um encontro misto (entre um desviante e um não desviante), o narrador utilizasse estratégias a fim de tentar neutralizar esse desvio. Ou seja, o desvio da norma maior que se aplica aos que não foram institucionalizados.

Motta (2013), autor que estudou as narrativas, o qual baseamo-nos à fundamentação e realização deste trabalho, nos ensina que “nenhuma história é contada sem que haja um fundo de moral ou uma situação ética que a situe” (MOTTA, 2013, p. 63). Portanto, podemos considerar que as narrativas de vida dessas ex-internas são, de certa forma, também orientadas por questões morais que constituem suas memórias, assim como, parte das identidades que constroem para os outros e para elas mesmas.

A fim de nos fornecer um cenário daquele momento histórico-social da FEBEM, na cidade de Ouro Preto-MG, e compreender características do imaginário sócio-discursivo, da narratividade ouropretana, assim como de confirmar a existência de um estigma que pudesse ser atribuído a essas ex-internas, utilizamos alguns trechos de narrativas que encontramos em uma obra escrita pelo ex-diretor Antônio Carlos Gomes da Costa.

Trata-se do livro intitulado *Aventura Pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa*, que traz uma narração onde o autor nos apresenta alguns conceitos pedagógicos que desenvolveu durante a experiência enquanto diretor da FEBEM de Ouro Preto-MG,

entremeados por pequenas narrativas de fatos ocorridos na instituição. Pelos relatos contidos no livro, podemos perceber que, por diversas vezes, as “forças morais” ouopretanas, como ele dizia, se levantaram contra as “meninas da FEBEM”, o que, além das próprias narrativas das participantes, nos permite entender sobre o cenário em que viveram.

Para compreendermos melhor os discursos que existiam sobre a instituição FEBEM, e entendermos como era representada essa instituição e seus internos, citamos também, em nosso trabalho, relatos de alguns ex-internos e ex-funcionários das FEBEMs que podem ser encontrados nos livros *Luz no fim do túnel: a história de sucesso de um ex-interno da FEBEM*, de Cleonder Evangelista (2004), e *Cadeia de chocolate: os funcionários da FEBEM falam*, de Paulo Sérgio Farias (2005).

As narrativas dos livros nos descrevem os horrores acontecidos naqueles ambientes e o tratamento que era destinado a quem possuía relação com a instituição. No que se refere ao primeiro livro citado, o autor Cleonder Evangelista, ex-interno, após a escrita do livro que denunciava os abusos, fora acusado de crime, vindo a ser preso e, conseqüentemente, morrendo dentro da prisão, supostamente vítima de uma pneumonia, um fim trágico para uma “história de sucesso”.

Conforme o trecho que apresentamos a seguir, e que faz parte de *Cadeia de chocolate*, podemos confirmar o clima de violência que existia em muitas das instituições, visto que o autor relata sobre:

[...] o assassinato de vários internos por seus colegas, sendo que uma das vítimas fora decapitada e sua cabeça atirada por cima do muro, pra intimidar a tropa de choque. Esses meninos remanescentes de imigrantes não queriam regras nem disciplina e em tudo se comportavam de modo beligerante (FARIAS, 2005, p. 31) (relato de um funcionário a Laércio, em seu primeiro dia de trabalho na instituição).

Em relação à FEBEM de Ouro Preto-MG e suas internas, podemos confirmar o tratamento negativo destinado a elas pela sociedade em questão, através de um relato do ex-diretor Antônio Carlos Gomes da Costa (1990):

Nossa experiência de trabalho direto com adolescentes consideradas difíceis ocorreu na Escola Barão de Camargos, uma unidade da Febem-MG em que se misturavam meninas ditas de conduta antissocial leve e grave com adolescentes infratoras e outras simplesmente carentes ou portadoras de problemas mentais. Em resumo: tratava-se de um desses depósitos de crianças e jovens que, na esteira da execução da política de bem-estar do menor, foram criados em todo o país, sob o rótulo pomposo de “programas sócio terapêuticos”. Éramos 180 meninas e vinte e poucos educadores, cercados por uma comunidade hostil. Por esse tempo, a cidade de Ouro Preto, em razão de alguns desastrosos incidentes provocados por nossas educandas, nos dispensava um tratamento cuja tônica, salvo raras exceções, eram a hostilidade, a discriminação e o preconceito. [...] Ao caos interno somavam-se as pressões das “forças morais” de Ouro Preto pela nossa demissão (COSTA, 1990, p. 35).

Os relatos que fazem parte do livro do ex-diretor, nos trazem diversas memórias a respeito de as meninas terem sofrido discriminação, citando, inclusive, comentários de um

padre durante a missa sobre a “terrível abertura das porteiças da FEBEM”, quando as meninas teriam saído como “cadelas no cio”. Há, também, relatos sobre uma campanha promovida por um farmacêutico a fim de conscientizar a sociedade do caráter dessas meninas e de evitar que elas fossem empregadas em outros locais. Por esses registros, podemos evidenciar traços morais que foram criados para a identidade de “menina da FEBEM”, especificamente na sociedade ouropretana, traços que denunciam a existência de um certo estigma.

As narrativas colhidas das ex-internas são ricas e mereceriam análises posteriores. Porém, nosso trabalho nos permitiu chegar a algumas conclusões interessantes a respeito da construção das narrativas, das identidades e da memória coletiva dessas mulheres, como apresentamos resumidamente a seguir. Nossas depoentes foram chamadas por C., S., R. e B., a pesquisadora como E. Há ainda o marido de S., o qual ela fez questão que participasse por tê-lo conhecido enquanto trabalhava na instituição.

A caracterização que todas as depoentes fizeram delas mesmas, descrevendo-se sempre como mulheres fortes, honestas, confiáveis e queridas, afirmando que nunca utilizaram drogas e que sempre trabalharam duro, nos dizem sobre um fundo social moral que elenca essas qualidades como positivas e desejáveis e as afastam de um suposto estigma que sugeriria que internos da FEBEM são indivíduos que vieram de uma condição de inadequação social, isto é, situação que envolve violência e má conduta.

Como dissemos, todas as narrativas também abordaram praticamente os mesmos tópicos e apresentaram uma sequência parecida: elas são iniciadas com a narração de uma situação familiar desfavorável, seguida pela entrada na instituição e uma progressiva evolução pessoal propiciada pela FEBEM. A trajetória das narrativas nos sugere que a vivência na FEBEM foi o que possibilitou a evolução e o sucesso que consideram ter alcançado.

Em um depoimento é dito que “a FEBEM foi a minha mãe, meu pai, meu tudo”. Podemos notar o papel que a instituição possui nas representações da memória e na construção da identidade dessa ex-interna, que é o de um provedor eficiente e respeitado:

B: não:: o que... o que eu tenho, eu agradeço à febem, agradeço. fundação estadual do bem estar do menor... sabe? se falar da febem, comigo não fala, comigo não fala, mal não fala. não fala. por quê... você presta bem atenção, são dez filhos, vam- vamo por aí, são dez filhos... lá na febem, fosse... que fosse 100. então, é... ninguém é igual a ninguém... uma mão não é igual a outra. então a família aí, quantas família aí que tem... tem... que tem filhos complicados? agora imagina, agora imagina, um colégio que onde há funcionários... tem menina rebelde? tem. tem menina malcriada? tem... tem menina que tira coisa dos outros? tem. tem menina que, que, sabe, eu não lembro que menina matou... que:... fosse na casa de alguém roubar... ou que, sabe? que, menina brigou, não tem. agora... e na família, também não tem? uai. agora, por quê... discriminar, aquele que, eu fui pra febem porque minha mãe faleceu...nao foi porque eu morava na rua, não foi por que:: e:: eu ia morar na rua? eu ia morando que ti- é o estado. é o estado. o estado tem pra oferecer eu tenho que agradecer o estado. eu sou grata. entendeu? a pessoa que teve essa ideia e quem criou... que seja debaixo de um viaduto... que tivesse uma comunidade ali... todo o mundo bebendo comendo, não estando debaixo de chuva, nem de sol e frio, então, estando abrigado, então o que é que eu tenho que fazer? agradecer. agora, que, tive... boas condições ali. agora

se eu quisesse ser uma bandida também não ia ser isso que ia me impedir não (transcrição do depoimento);

As metanarrativas (ou o pano de fundo e/ou a moral que nos diz sobre os valores abraçados por essas ex-internas) que podem ser compreendidas nas micronarrativas apresentadas, nos permitem notar como esses valores se sobressaem, o que também nos possibilita entender sobre as qualidades morais que elas atribuem a personagens, eventos e, especialmente, a elas mesmas, ajudando-as a afastarem o suposto estigma.

Vejamos o trecho:

[...] “mas antes de você ser enfermeira, você continua ajudando a, a, monitora dilma, a monitora vilma”, por que, quando, igual eu falei com você, quando dava sarampo, dava ne todo mundo, dava catapora, era aquela turma, então era muita gente, e às vezes tinha menina preguiçosa que não gostava de levantar a noite, então, tinha que dar remédio, então eu ia ajudar ela, né, que era muito menino, muitos meninos.

Neste trecho, a depoente conta que havia solicitado, ao então diretor Antônio Carlos Gomes da Costa (1990), que lhe conseguisse um curso de enfermagem para que pudesse prosseguir nos estudos e, a descrição de como era a situação na época em que estava internada coloca, em evidência, sua característica que seria oposta a das outras meninas, “as preguiçosas”. A depoente utiliza essa estratégia a seu favor e, ao utilizá-la, podemos notar a metanarrativa e lá estão os pré-discursos que dizem que as mulheres devem ser prestativas, cuidar dos doentes e que, como pregam os preceitos da religião cristã, não se deve cultivar o pecado mortal da preguiça.

Outra estratégia que podemos notar, presente nas narrativas, é a de desculpabilização da família pelo abandono. Em nenhuma das narrativas a família foi culpabilizada pela internação dessas mulheres e se elas estiveram nas instituições foi porque as condições familiares obrigaram que tais medidas fossem tomadas. Essa estratégia as coloca fora do grupo estigmatizado, ou seja, fora do grupo de meninas que foram às FEBEMs por terem sido abandonadas ou por terem cometido algum tipo de delito; elas estariam na FEBEM por que não tinham escolha, não por serem desviantes:

S: olha eu eu não tenho raiva da minha mãe também, nenhuma nenhuma. o tempo que eu pude com minha mãe, eu sempre cuidei de-la, mas... a gente tem que saber valorizar, ela- eu tenho que saber, entender assim, que ela não pode me criar... por causa da... da situação dela, então...

E: às vezes a pessoa:... a pessoa nem é dona... né? de si mesma, às vezes ela nem sabe o que que ela ta fazendo.

S: então, ela não podia me criar, ela morava na casa de família... né, ela trabalhou na casa da mulher quarenta e sete anos... ela cuidou dos- dos filhos médicos todinhos... todos os sete.e ainda tem mais quatro dela, onze filhos. aí será que, não apertou pro médico? eu imagino que o médico... né?

E: ah, ela morava na casa dele.

S: é. eu er- imagino que eu fui pra febem porque:... pra não pressionar mais a ela, coitadinha... ela deve ter sofrido muito.

E: deve.

A: e os médico mesmo era uma maravilha de pessoa.

S: é:: depois que...



A: ih nossa senhora, eu fui lá conhecer trabalhei lá, seis mês... nó, mas me tratava igual filho.

S: considerava nossos filhos, né A?

A: eles me chamava de tonico.

Este trecho se inscreve sob vários aspectos, especialmente por detectarmos as metanarrativas presentes que servem como argumentos às atitudes da mãe ao deixar a filha em uma instituição governamental. Quando S diz não ter raiva da mãe, há uma pressuposição de que deveria existir esse sentimento devido à impossibilidade que a mãe apresentava para cria-la.

Na tentativa de desculpabilizá-la, ela apresenta argumentos que atestam o tempo de trabalho da mãe na casa do patrão (o que sinaliza sua competência como trabalhadora e a confiança dos empregadores), assim como utiliza o argumento baseado no trabalho que a mãe provavelmente teve ao ter cuidado de todos os filhos do médico (o que também diz sobre a sua competência e sobre o trabalho de confiança que possuía, o de criar filhos de um médico, que no total foram sete).

Segundo S, a mãe também tinha quatro filhos e, a quantidade de filhos dela, talvez, tivesse “pesado” para o médico. Em seguida, ela diz imaginar ter ido para a FEBEM para que a mãe não fosse pressionada e que a mãe deve “ter sofrido muito”. A pressão, ao que parece, se refere ao fato de ter que cuidar de mais de dez crianças, cuja maioria era filha do médico. Em seguida, os dois depoentes dizem que os médicos eram “uma maravilha de pessoa” e que trataram A e os filhos deles como se fossem seus filhos. Também é mencionado que a mãe vivia na casa dos médicos e que nunca se casara.

O que podemos detectar, através dessa micronarrativa, é a existência de um pré-discurso que diz sobre a aceitação das regras da hierarquia social, o assujeitamento do indivíduo; sob o ponto de vista da depoente, o fato de a mãe trabalhar tantos anos na casa de médicos e de ter a confiança deles, é algo meritoso, mesmo que a mãe tivesse que estar disponível todo o tempo para servi-los, pois morava com eles e cuidava de todos os seus sete filhos.

A realidade narrada, que diz sobre a mãe ter quatro filhos e, aparentemente, os quatro já viverem com ela, alimenta ainda mais o caráter bondoso e compreensível dos médicos, que permitiram que a mãe vivesse em sua casa com seus filhos. Diz também que aceitar mais uma filha na casa deles, talvez seria considerado abuso por parte de sua mãe e, ao mesmo tempo, significaria mais trabalho para ela. Vemos, aí, a sujeição frente a alguém possuidor de uma profissão que lhe conferiria um *status* socialmente considerado mais elevado, que é a de médico.

A relação entre os indivíduos das camadas sociais mais baixas e os das camadas sociais mais elevadas (talvez pelo poder da história escravocrata de submissão e reverência das classes baixas em relação às classes elevadas e que continuam a fazer parte de nossas memórias e práticas culturais), demonstram ser as mesmas, sendo que os sentimentos de gratidão e de orgulho, pela consideração recebida dos indivíduos de classes elevadas, poderiam estar compreendidos nessa memória coletiva.

Em Munanga (2019), é dito que essa relação de submissão teria tomado forma, no Brasil, devido ao processo de mestiçagem. Segundo o autor, os mulatos, no Brasil, teriam

sido beneficiados por serem filhos de senhores brancos, sendo que, devido ao fato de que a maioria dos mulatos seria de libertos, os sentimentos de solidariedade entre eles e os negros teriam sido enfraquecidos. Ainda segundo Munanga (2019), “no Brasil o negro pode esperar que seus filhos sejam capazes de furar as barreiras que os mantiveram para trás, caso eles se casem com gente mais clara” (MUNANGA, 2019, p.46).

Além disso, não existiria na cultura brasileira uma escala de cor com uma linha que definisse a que condição pertenceria o indivíduo, ou seja, para que a pessoa seja considerada negra ou branca, além da tonalidade da pele, também seriam avaliados aspectos culturais e socioeconômicos; dessa forma, os negros e mestiços acabaram por assimilar o discurso hegemônico abraçando os valores das classes dominantes, e, ao invés de se reconhecerem como negros ou como uma classe desfavorecida, adotam e legitimam os valores das classes dominantes a espera de conseguirem a mobilidade social dentro da mesma estrutura que os oprime.

Uma característica notável nas narrativas foi a representação que a instituição ganhou em suas memórias; segundo elas, a FEBEM oferecia tudo o que elas precisavam, havia fartura, educação, carinho e, entre suas internas, podia-se encontrar “até filha de prefeito”, o que conferia ao lugar um aspecto mágico e desejado até mesmo por pessoas que possuíam determinado status social, como um prefeito. Havia as “meninas bonitas, que pareciam gente rica”, como disse uma depoente, mas, também havia as “mala pesada”, porém, estas teriam chegado na instituição tempos depois. Nas narrativas, pudemos ver o contraponto das meninas “boas” e das meninas “más”, as que quebravam as regras, “as que usavam drogas”, “que não tinham cabeça”; essas pertenciam a um outro grupo, não ao grupo de nenhuma das depoentes:

[...] agora tinha umas depois que- passou ((estala os dedos)) muito tempo, muito tempo, depois começou a chegar umas menina esquisi::ta... sabe? que não queria nada com na::da. sabe? essas- umas- a maioria dessas que não queria nada com nada já até morreu. já até morreu. uma morreu até aqui em ouro preto, uma tal de s... s e tinha uma outra lá, maldosa também, que chamava m... ela era deficiente. ela metia o coro, por que ela era assim... nós era, chamava nós de cocotinha... cocotinha que andava bem arrumada... ((sorri)) aí- a gente mesmo que fazia por onde uai, a gente fazia a roupa pra gente... e as outras não queria nada com nada aí ficava isolada né? ninguém queria saber né? aí elas metia o coro na gente. eu lembro que minha- que meu, joelho aqui ó, minha perna... nó, eu ganhava tanto chute na canela... ganhava tanto chute menina...ganhava muito chute. ( ) dessas menina... que eu... não queria saber muito...sabe? das coisa... tem uma que, tem uma que é de lá, não me engano mora até em saramenha de cima. essa aí também essa aí não queria nada com nada não.

E: da sua época também?

C: foi, da minha época. essas daí que era da mala pesada. tinha uma turminha que não era fácil não.mas elas ficava isolada...elas ficava mais, fora, fora, da escola, elas ficava mais assim... sozinha. elas num ficava lá com, companhias não.

[...]

C: ah tinha vários l- tinha vários lugares... várias cidades... daqui mesmo de ouro preto e de mariana, daqui mesmo não tinha nenhuma... tudo era de fora. todas que, passavam por ali tudo, todas eram de fora. mas eu só sei que muitas do, do meu tempo... forma::ram, tem uma que formou...( ) formou... trabalha de enfermeira lá na santa casa de belo horizonte...

santa casa...e:... essa:... f... ela é... gerente do banco. banco estrangeiro.  
não é daqui não. estrangeiro.

E: ela não mora aqui? mora no brasil?

C: mora aqui não. fora do brasil. ela é gerente, foi embora, formou e foi  
embora. e::, e:...

E: como que ela chama?

C: f. essa aí a:... nós era muito garrada, nós duas.

A depoente destaca, em sua fala, o tempo passado até a chegada das outras educandas: *“passou ((estala os dedos)) muito tempo, muito tempo, depois começou a chegar umas menina esquisi:ta...”*. Percebemos, aqui, que “as meninas esquisitas” chegaram somente após longo período em que as “meninas bonitas” tinham chegado à FEBEM. Essas outras não gostavam de C, e a chamavam de “cocotinha”, segundo ela, porque andava “bem arrumada”. As meninas “que não queriam nada com nada” não se relacionavam com as outras, e chegavam a agredi-las fisicamente, como C afirma.

A explicação que C apresenta para a palavra “cocotinha” demonstra que as meninas que chegaram depois sentiam inveja das que já estavam lá, por que elas eram “bem arrumadas”, faziam suas próprias roupas, e as outras “não queriam nada com nada”. Claramente, C descreve dois grupos que se formaram na instituição, o das “cocotinhas” e o das “mala pesada”.

Ao mencionar o destino de algumas das meninas da FEBEM, utilizando novamente os parâmetros de nivelamento socioeconômico, C nos diz como as suas companheiras foram felizes e bem-sucedidas depois de deixarem a instituição, sendo que, uma teria até ido morar no exterior, algo que, para o imaginário popular, significava ascender socialmente. Quanto às outras, as que chegaram depois, algumas delas teriam já morrido, ou tiveram destinos infelizes, segundo sua narrativa. Aqui podemos encontrar a metanarrativa, ou o pré-discurso que diz sobre as qualidades dos que terão sucesso na vida e dos que terão um futuro ruim e, aparentemente, C estaria no primeiro grupo.

Outra conclusão a que chegamos, neste trabalho, foi a de que, ao contrário do que havíamos imaginado, a FEBEM não teve uma representação negativa através da memória dessas mulheres. Isso se deve, não apenas pelas características positivas com as quais elas a descreveram, mas pelo discurso enfático de defesa que fizeram, mesmo sem que o estigma da instituição fosse levantado. Segundo seus relatos, a instituição teria sido fundamental para a construção de suas identidades e para o sucesso que alcançaram em suas vidas, oferecendo-lhes tudo o que precisavam.

Finalmente, constatamos o que também contrariou nossas expectativas, o fato de que as depoentes não construíram um discurso com a finalidade de neutralizar um desvio supostamente existente perante à normalidade da sociedade ou do grupo que não fora institucionalizado. Na verdade, o discurso delas procurou colocá-las dentro de um grupo desviante do que é considerado norma para os indivíduos que foram institucionalizados. Elas se desviaram das normas (segundo suas estratégias discursivas) traçadas às meninas da FEBEM de Ouro Preto-MG.

## Referências

ARENDT, Hanna. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BECKER, H. **Outsiders**: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, [1963].

BIAR, Liana de Andrade. **“Realmente as autoridades veio a me transformar nisso”**: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, p. 246. 2012.

CHARADEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun., 2017.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. **Aventura pedagógica**: caminhos e descaminhos de uma Ação educativa. São Paulo: Columbus Cultural, 1990.

EVANGELISTA, Cleonder. **Luz no fim do túnel**: a história de sucesso de um ex-interno da FEBEM. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FARIAS, Paulo Sérgio. **Cadeia de chocolate**: os funcionários da FEBEM falam. Tradução de Paulo Sérgio Farias e Laércio José Narciso. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga: **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem**. 5. Ed. São Paulo: Autêntica, 2019; Petrópolis: Vozes, 2002.